

ECONOMIA: MODO DE COMER – UM ECONOMISTA VORAZ EXPLICA O MUNDO

Ha-Joon Chang. Tradução de Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Porfolio-Penguin, 2025, 256 p.

Recebido em 22/07/2025

Aprovado em 30/09/2025

DOI: 10.69585/2595-6892.2025.1307

Fartura e escassez: uma crítica ao reformismo de Ha-Joon Chang

O pesquisador e economista Ha-Joon Chang tornou-se notável no cenário da Economia Política Internacional por diversas obras de cunho heterodoxo, do que é chamado de “novo desenvolvimentismo”, de críticas ao liberalismo e ao livre mercado. Sua obra mais célebre, *Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*, é peça fundamental no campo econômico heterodoxo desde o lançamento. Em sua nova obra, *Economia: Modo de comer*, publicada no Brasil em abril, o autor retorna às bases de seu pensamento para introduzir e sistematizar todos os seus anos de pesquisa, focando em maior acessibilidade e refino de sua tese.

A introdução apresenta o novo modelo de estrutura, que difere das demais obras de sua bibliografia: agora com capítulos mais numerosos e curtos, baseados em diversas *commodities* e produtos mundialmente comercializados, o autor estrutura cinco blocos temáticos, fundamentando as bases históricas que formaram o mercado internacional moderno, acertos e equívocos de análise das correntes mais prevalentes na discussão da EPI e perspectivas para o futuro.

No primeiro capítulo, nomeado de “Alho”, o autor explora uma anedota de sua vida pessoal relacionada à impopularidade do alho (especialmente principal em seu país de nascença) no Reino Unido, onde realizou

**JOÃO PEDRO
PROVESI DOS
SANTOS**

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí (SC).

Email: joaoprovesi@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8778-2102>

sua pós-graduação. Enquanto estudava, no final dos anos 70, as práticas locais passaram por mudanças, com uma grande abertura cultural e econômica incentivada pela implementação de políticas neoliberais do governo Thatcher, e por diversos outros governos nos anos seguintes. Embora a culinária tenha se enriquecido, o autor percebeu uma tendência de empobrecimento no debate econômico, que até os anos 70 era aquecido, descrevendo a criação de um “buraco negro” – a escola neoclássica, então, consolidava-se como único item no “cardápio” (p. 20-21).

Por consequência, diversos capítulos respondem diretamente aos estudos econômicos que se tornaram lugar-comum na discussão econômica moderna, seguindo a ideia neoliberal de “única alternativa” e de “superioridade técnica indiscutível”. A relação da economia regional com a história e os atores políticos que a marcaram é estabelecida desde o século XV e as Grandes Navegações, criando uma rota mercantil escravocrata com regiões do atual Terceiro Mundo. No capítulo “Quiabo”, o autor elabora como, embora o comércio de escravos seja algo do passado, tais nações ainda possuem uma relação de dependência, com mão de obra cativa do comércio agroexportador. A despeito das lutas estruturais históricas terem conquistado aos trabalhadores de tais nações maiores direitos, delimitando assim a exploração da classe dominante, o autor aponta tal situação como uma das contradições fundantes do atual “livre mercado”. A liberdade, assim, está constantemente em disputa, sempre sendo questionada quando tal opção oferece ganho monetário aos patrocinadores do Estado.

O autor é adepto da teoria da indústria nascente, argumentando que o amadurecimento de empresas nacionais só é possível sob proteção contra a concorrência internacional. No capítulo “Camarão”, é adotado o exemplo da Hyundai, sul-coreana, que se tornou participante do mercado internacional via subsídios massivos estatais por anos. No capítulo “Macarrão”, porém, são discutidas as contradições de tal modelo. A construção do atual

conglomerado global se deu sobre superexploração diária e repressão de sindicatos, e sua internacionalização gerou o mesmo efeito em países como Índia e México. Assim, o protecionismo desenvolvimentista, no melhor dos casos, serve não como solução, mas como redirecionamento da exploração para outras periferias.

A crítica de Chang também adentra os campos que o cálculo econômico neoliberal deliberadamente ignora. O capítulo “Coco” desmonta o mito da “preguiça tropical”, argumentando que a pobreza de países de Terceiro Mundo (usando-se, como exemplo, os exportadores de coco) não se deve à indolência da população, mas à infraestrutura precária, à relação de dependência comercial estabelecida e à herança colonial. Um dos exemplos levantados, Bangladesh, possui média de 56 horas de trabalho por semana, e os compradores das *commodities* exportadas (países europeus) têm 40h/semana como média. A mesma lógica de análise aparece em “Pimenta”, que critica o uso do PIB como métrica única para o desenvolvimento dos Estados, desconsiderando fatores como o trabalho de cuidado não remunerado, majoritariamente feminino. A subvalorização deste trabalho e de outras “ocupações essenciais” expõe uma das críticas centrais de Chang ao capitalismo moderno: sua lógica não é a de “uma pessoa, um voto”, mas a de “um dólar, um voto.”

No capítulo “Especiarias”, Chang discute a financeirização, vista pelo senso comum liberal como o principal motor para o desenvolvimento de novas tecnologias produtivas. É traçado um paralelo centenário com os altos aportes do comércio marítimo de especiarias através dos séculos XVI e XVII, sua relação direta com os aportes ao financiamento da Revolução Industrial e as atuais empresas de fundos de investimento que ocupam esse papel de “motor histórico de progresso”. Aqui, porém, o valor do acionista, com dividendos e recompras de ações em curto prazo, drena diretamente recursos que poderiam ser destinados a investimentos estruturais. Existe um sufocamento do que o autor chama de “economia real” em prol de

especulação para acionistas privados. Os efeitos são os mais diversos, desde a estagnação de investimento em pesquisa e desenvolvimento, comprometendo as inovações futuras, até a normalização da liquidação de empresas (e seus funcionários) como mero recurso a ser descartado.

Entretanto, mesmo com referências e diversas citações a autores marxistas, a posição de Chang deixa claro seu alinhamento com a manutenção do capitalismo como sistema e da total falta de perspectiva de mudança. As soluções para a questão dos acionistas propostas são paliativas, como um sistema de “voto por tempo de posse do ativo”. Não é questionada a lógica da força motriz de um país depender do capital corporativo que, no cenário atual, muitas vezes é estrangeiro. O capítulo “Quiabo” tem uma passagem que demonstra a limitação da crítica proposta: “Só quando compreendermos melhor as complexidades dessa relação começaremos a compreender como fazer do capitalismo um sistema mais humano” (p. 50). Nas questões que tratam ativamente dos problemas atuais derivados de tal relação histórica, como as heranças coloniais, o autor não tem a leitura de que a narrativa é alimentada pela burguesia nacional de cada um dos países subdesenvolvidos. Ademais, embora o autor elabore bem um histórico geográfico diverso e esquematizado, não há o mesmo estudo sobre a produção ideológica que fundamenta e justifica todas as questões chave do imperialismo neoliberal sobre a população. Ao evitar o estudo das implicações que estas produzem, observa-se um estudo limitado apenas aos sintomas, e não às raízes causais.

Além disso, em capítulos que abordam como o cálculo econômico moderno tem viés, as menções a divisões de classe são escassas, abordando por notas de rodapé as diferenças de trabalho social experimentadas por mulheres periféricas e imigrantes, por exemplo. A análise de Chang, por vezes, trata a ideologia neoliberal como um fenômeno intelectual quase autônomo, sem aprofundar sua origem como produto direto das necessidades materiais do capital em sua fase monopolista e financeira. Embora a principal crítica

da obra seja sobre a esterilização que a ortodoxia neoliberal proporcionou nas discussões acadêmicas, a obra, como convite para o consumo crítico da economia como ato político, incorre no risco de, ao não aprofundar-se em soluções concretas e profundas para os problemas analisados, tornar-se apenas mercadoria na roda neoliberal. Existe, nesta última, um processo de comercialização de obras heterodoxas, que oferecem críticas ao sistema, sem visão de alternativas.

Ainda assim, a esquematização de diversas questões históricas dos mais diversos países em capítulos curtos e correlacionados torna a estrutura do livro muito flexível. No seu encerramento, Chang aborda como o livro, como peça de entrada, tem o objetivo de instigar as mais diversas discussões num mundo onde a discussão econômica foi, essencialmente, morta pelo neoliberalismo. Embora sua visão seja institucionalista e não tenha uma finalidade radical, é possível utilizá-la, assim como sua obra *Chutando a escada*, como base para estudos que busquem tal finalidade. A própria abordagem do autor sobre as experiências socialistas históricas é propositalmente vaga e deixa muito espaço para discussão, como um pacto silencioso com a finalidade maior de reintroduzir a discussão que o neoliberalismo havia enterrado no campo de “não-assunto”.

Em suma, *Economia: Modo de comer* cumpre sua premissa de ser um guia esquematizado acessível da economia política contemporânea. Contudo, seu maior mérito é também seu maior risco. Embora apresente um diagnóstico contundente dos males do capitalismo com análise histórica acertada, concentrando-se no estudo da divisão internacional do trabalho, não são apontadas divisões de classe e alternativas que transcendam tal sistema. Podemos remeter à crítica de Rosa Luxemburgo ao reformismo, que se faz mais atual do que nunca. Para a revolucionária, as reformas são apenas um meio de reação à luta de classes, não um fim. A visão de Chang, da busca por um “capitalismo mais humano”, enquadra-se precisamente no campo que Luxemburgo advertia

ser insuficiente para emancipar a classe trabalhadora das contradições inerentes ao capital. Assim, a obra deve ser considerada não como cartão-resposta, com soluções prontas, mas como um mapa detalhado do terreno sobre o qual a disputa por uma transformação verdadeira – e não apenas mais palatável e mercadologicamente viável para o mercado editorial – ainda precisa ser travada.

Referências

- CHANG, Ha-Joon. *Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. 1.^a ed. São Paulo: Editora Unesp, 2004
- LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução?* Tradução de Lívio Xavier. São Paulo: Expressão Popular, 2019